

EDUCAÇÃO ONÍRICA: O SONHO COMO FONTE DE CONHECIMENTO E DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO

HIGOR ANTONIO DA CUNHA¹; DENISE MARCOS BUSSOLETTI²

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – higordacunha@outlook.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A experiência onírica é algo comum, rotineiro e cotidiano a maioria dos mamíferos, já que ocorre durante o sono. Do ponto de vista da neurologia, o sonho é promove ativamente mudanças nas substâncias neuroquímicas cerebrais, frequentemente sendo formado por memórias que se mesclam em estímulos ilógicos. Segundo esse campo, os sonhos desempenham uma função importante de revisitar experiências do dia anterior e processá-las de maneira que contribui com o processamento de emoções e a consolidação da memória (RIBEIRO, 2019). Para algumas vertentes da psicologia, como a Psicanálise de Freud (2018) e a Psicologia Analítica de Jung, o material onírico expressa desejos, medos, ansiedades, fantasias, percepções, isto é, conteúdos tanto conscientes como inconscientes. É por meio dos sonhos que podemos vivenciar situações, experimentar estados emocionais, satisfazer desejos que são importantes para o nosso equilíbrio mental, mas que, em sua maioria, não poderiam ser vivenciados em nossa vida desperta. Portanto, não é exagero quando Benjamin (2009) afirma que os sonhos fazem parte da história, motivam descobertas e guerras.

Entretanto, mesmo sendo algo tão vivenciado diariamente pelas pessoas, o sonho não é comumente tomado como uma possibilidade de adquirir conhecimento. Por isso, coloca-se a nossa frente a pergunta: “Podem os sonhos serem tomados como fonte de conhecimento? Como os conteúdos oníricos podem ser aproveitado em trajetórias de (auto)formação?” Mesmo que as instituições de ensino da educação formal, escolas e universidades, não incorporem uma abordagem sobre o sonho em suas práticas educativas existem contextos em que os sonhos contribuem com processos de formação.

Assim, esse trabalho tem o objetivo de reconhecer qual a potencialidade dos sonhos como dispositivo de (auto)formação e instrumento epistemológico. Para isso será necessário identificar em quais contextos os sonhos são encarados como capaz de trazer conhecimento, inferir quais as perspectivas sobre os sonhos nesse contexto e apurar como esses conceitos se relacionam com o campo da Educação. Na sequência deste texto, são trazidos quatro exemplos de contextos em que os sonhos são integrados a processos de formação: nas culturas dos povos originário, nos ritos iniciáticos esotéricos ocidentais, na prática terapêutica da psicologia profunda e na produção do movimento Surrealista.

2. METODOLOGIA

Para o levantamento de dados que compõem este artigo foi utilizada a pesquisa qualitativa. Este tipo de abordagem torna-se o mais apropriado para esta pesquisa, porque se almeja uma melhor compreensão e descrição do objeto de estudo, e não o quantificar.

Neste sentido, pode ser classificada como um estudo de caráter exploratório que permite ao pesquisador aprofundar seu conhecimento em torno de um problema, buscando antecedentes e delimitando teorias. A pesquisa exploratória

“têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41).

Quanto aos procedimentos técnicos esta pesquisa pode ser caracterizada com bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é baseada em material escrito sobre o tema a ser pesquisado, metodologia amplamente utilizada em diversas áreas do conhecimento, incluindo as ciências humanas e sociais, presente em quase toda a pesquisa científica. A pesquisa bibliográfica é uma abordagem adequada, pois permite explorar e analisar o corpo existente de literatura, teorias e estudos relacionados ao tema, inclusive ampliando a gama de fenômenos possíveis de investigação. (GIL, 2002)

Portanto, por meio dessa metodologia permite um contato com fontes que apresentam diferentes abordagens teóricas e perspectivas sobre o sonho na educação, permitindo uma análise crítica e a comparação de diferentes pontos de vista e uma compreensão aprofundada do contexto histórico, teórico e cultural do sonho e a educação. Ao revisar a literatura existente, é possível identificar as principais ideias, conceitos e debates relacionados ao tema. Assim, com a pesquisa bibliográfica é possível estabelecer uma base teórica sólida para a pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O sonho político e ontológico na educação indígena

Nas culturas dos povos originários, a educação perpassa por aspectos diferentes da tradicional educação formal institucional. Na educação indígena, como aponta Daniel Munduruku (2009), não são separados a corporeidade e o encantamento. Nesses processos de educar corpo, mente e espírito, são fortes alicerces a narração de histórias e os sonhos. Para Munduruku, sonhar é uma linguagem que permite a comunicação consigo e com o mundo que nos cerca, rememorando-nos de nosso parentesco com tudo que é vivo e que existe.

De mesmo modo para os Yanomami o sonho possui uma espécie de substância coletiva que conecta humanos e não-humanos. Além disso, como aponta Davi Kopenawa (KOPENAWA; ALBERT, 2010), o sonhar é que é necessária de ser ensinada, mesmo que os *napë* (não-indígenas) não o façam. É a capacidade do sonho que permite ver a floresta por outro modo, por imagens que mostram a vida e que só sonhando se pode garantir segurança e sabedoria para atravessar. O sonho é parte fundamental do xamanismo Yanomami, tomando uma importância tanto espiritual como política, dada a atuação do xamã.

O pensador indígena Ailton Krenak (2020), ao falar sobre o sonhar, se refere a um aspecto que está interligado com a cultura de seu povo, tendo o “sonho como instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano.” (KRENAK, 2020, p. 20). Nesse caso, os conteúdos oníricos são entrelaçados às relações interpessoais, com o ambiente ao redor e com a natureza no sentido mais amplo e cósmico. Mas não só de modo metafísico como também político que conduz decisões coletivas e fortalece laços sociais. Krenak (2020) define o sonho como veiculação de afetos, que ao ser contado se torna em matéria tangível com as pessoas que se convive.

Dessa forma, o sonho não está apartado da realidade, mas faz parte da vivência cotidiana, orientando comportamentos, práticas, modos de se relacionar, orientando sobre perigos. No onírico podem ser buscados “cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir” (KRENAK, 2019, p. 52). Portanto, Krenak (2019) denota que nas cosmopercepções indígenas, os sonhos se mostram como um meio de aprendizado e autorreflexão,

aproveitando esse insight para orientar suas interações com seus semelhantes, com o ambiente e com o mundo.

3.2 O sonho iniciático no esoterismo

Herdeiro do xamanismo e de suas técnicas, o ocultismo ocidental moderno também dá importante valor aos sonhos como fonte de conhecimento, principalmente os que acontecem em períodos de iniciação e de prática mágica. Uma das vertentes mais profícuas da magia na pós-modernidade, a Magia do Caos, vê no sonho uma saída para experiências extracorpóreas, um potencial instrumento divinatório e como território a ser conquistado. Peter Carrol (2019), tido como um dos teóricos fundadores desse movimento, aponta que cabe ao “magista” a função de “obter acesso irrestrito ao plano dos sonhos e controlá-lo” (CARROL, 2019, p. 39). Nisso se difere a concepção esotérica do sonho que vê nele uma porta para a transcendência, mas que deve ser objeto de tratamento técnico para uma utilização e eventual consciência.

Para isso, o praticante de magia deve manter um registro diário do que sonha, que proporciona uma ampliação do contato com esses conteúdos e a procura de sinais que apontem para uma melhoria ou mudança. Muitas vezes é na realidade e vivência onírica que o mago do caos vai buscar signos que denotam que um trabalho mágico foi eficaz. Assim os sonhos são registrados e relatados pelo participante, conforme executa exercícios corporais e mentais. Assim, mesmo que tratemos aqui de um contexto carregado de estética esotérica, muitos conceitos basilares dessa prática organizada provém da Psicologia, em especial Psicanálise e Psicologia Analítica que enfocam o Inconsciente.

3.3 O sonho terapêutico na Psicologia profunda

Não obstante a invisibilização do sonho pelo positivista de ciência, um novo campo de estudos passou a se debruçar sobre os sonhos de maneira mais atenciosa. Entre o final do século XIX e início do século XX, a então recente Psicanálise atribuía aos sonhos um papel importante no caminho do autoconhecimento (RIBEIRO, 2019). As propostas da Psicologia Profunda apontavam para o material onírico como caminhos olhar para si.

Sigmund Freud (2018), considerado o pai da psicanálise, publicou no início de 1900 sua obra-prima, “A Interpretação dos Sonhos”, onde escreveu de forma extensa sobre suas teorias a respeito do conteúdo onírico, considerando uma via de manifestação de conteúdos recalcados ao inconsciente e atribuindo propostas de interpretações.

A partir dos fundamentos teóricos freudianos, Carl Gustava Jung (1999) também elaborou sua teoria sobre os sonhos que, em pouco tempo, constitui-se como um campo à parte da Psicanálise. Na teoria junguiana, os sonhos são importantes para que nos tornemos plenamente conscientes de nosso eu, algo que só é possível de ser feito quando integramos a mente consciente à inconsciente. Além disso, apresentam uma função de manter o equilíbrio psicológico do indivíduo, trazendo novas perspectivas ou compensações a fatos que ocorrem na vida em vigília.

Portanto, na prática terapêutica dessas correntes, é atribuída importância aos significados das imagens oníricas que podem ser interpretadas ou analisadas, trazendo a possibilidade de, nesse processo, significar e ressignificar as experiências e memórias do paciente, conduzindo a uma maior consciência de si.

3.4 A estética do sonho no Surrealismo

O sonho também é fundamental para o Surrealismo, sendo talvez o aspecto mais marcante das produções dos artistas que fizeram parte do movimento. O líder desse Movimento, André Breton (2001,p.26) indaga “Porventura também o sonho

não pode ser usado na resolução das questões mais fundamentais da vida?” Dentro do “reinado da lógica” (BRETON, 2001, p. 23) que se instaura com a razão instrumental e a produtividade da modernidade, descartou-se o onírico, por ser considerado ilógico e com pouca aplicabilidade prática na vida cotidiana capitalista. Ele vai ser revogado pelos surrealistas e empregado na criação de obras artísticas. Não apenas o conteúdo das imagens oníricas despontaram como matéria para a criação poética, mas, sobretudo a forma como essas imagens aparecem guiou a maneira de compor. Portanto, a linguagem e estética do sonho foi um ponto de partida para inventar técnicas próprias como a *collage*, montagem literária e cinematográfica. A pretensão era que a prática guiada por essa estética também promovesse mudança na forma de pensar, facilitando conexões ao acaso, e orientasse para a mudança de vida e do mundo.

4. CONCLUSÕES

Existem várias teorias e concepções sobre o significado dos sonhos, imbuindo funções que eles desempenham em distintos contextos. Mesmo que na vida cotidiana ignoremos o sonho é parte do sono, é parte do nosso dia a dia e mesmo assim muitas pessoas nem sabem se sonharam à noite. As que se recordam dos sonhos raramente veem neles mais do que cenas sem sentido. No caso da educação escolar, nossos estudantes estão desconectados dos próprios sonhos. Que manancial de inspiração estamos perdendo?

Quando são apresentados esses contextos, em que o onirismo desempenham papel fundamental na formação política e espiritual de sujeitos, que contribui para tratamentos terapêuticos e criações artísticas, que orienta ontologias, epistemologias e estéticas, fica evidente a necessidade de reativar o sonhar no cotidiano educacional. Para que seja possível plasmar novas formas de se conectar com o mundo, para sonhar outros sonhos e assim poder sonhar outros mundos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa oficial do estado de São Paulo, 2009.
- BOIN BOUTIN, F. "**Nada é verdadeiro, tudo é permitido**": magia, ontologia e pensamento mágico entre os praticantes de Magia do Caos no sul e sudeste do Brasil. 2019. 180 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2019.
- BRETON, A. **Manifestos do Surrealismo**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.
- CARROLL, P. **Liber Null e Psiconauta**. São Paulo: Penumbra, [1978] 2016.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- KOPENAWA, D; ALBERT, B. **A queda do céu**: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MUNDURUKU, D. Educação indígena: do corpo, da mente e do espírito. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 2, n 1, p. 21-29, jan./jun. 2009.
- RIBEIRO, S. **O oráculo da noite**: A história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.